

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/306375265>

Estratégias para Internacionalização do Currículo: do Discurso à Prática

Chapter · August 2016

CITATIONS

3

READS

723

1 author:



[Luciane Stallivieri](#)

Federal University of Santa Catarina

80 PUBLICATIONS 134 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Mobilidade Estudantil Internacional [View project](#)



MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL EM PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA: PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS EM EVIDÊNCIA [View project](#)

STALLIVIERI, Luciane. Estratégias para Internacionalização do Currículo: do Discurso à Prática. In: LUNA, José Marcelo Freitas. **Internacionalização do currículo: Educação, interculturalidade e cidadania global**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

Estratégias para Internacionalização do Currículo: do Discurso à Prática

Luciane Stallivieri¹

*Between what I think
what I want to say
what I think I am saying
what I say
what you want to hear
what you hear
what you think you understand
what you want to understand
and what you understand
there are at least nine chances
that we will not understand each other.*

Sylviane Herpin

Internacionalização do currículo: contextualização

Apesar de já estar sendo estudado em vários países do Hemisfério Norte (Inglaterra, Estados Unidos e Canadá) e também no Hemisfério Sul (especialmente na Austrália) o estudo sobre o tema da Internacionalização do Currículo - IoC - ainda é muito recente no Brasil.

Ao mesmo tempo, sabe-se que a Internacionalização da educação superior não é um conceito novo e tem sido muito debatido, especialmente por ser diferentemente compreendido e interpretado em função da sua multiplicidade de abordagens.

No entanto, de acordo com Leask & Bridge, "os estudos do currículo do ensino superior ainda são escassos, e os estudos de internacionalização do currículo em educação superior são ainda mais raros e, com poucas exceções, estão focados em uma única instituição ou em uma única disciplina". (Leask & Bridge, 2013, p.79)

¹ Pesquisadora do Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária - INPEAU da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Trata-se, portanto, de um universo de estudos amplamente novo e uma fonte inesgotável de pesquisas que ainda poderão ser feitas, principalmente nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras, especialmente no momento em que o Brasil assume um importante destaque no cenário da educação mundial.

Nos últimos anos, pontualmente a partir de 2010, com o Programa de Mobilidade Acadêmica do governo brasileiro, intitulado Ciência sem Fronteiras, o país passou a protagonizar um novo papel no cenário da educação mundial, fortalecendo a sua atuação tanto como país emissor de estudantes ao Exterior, mas principalmente como país receptor, diante do forte potencial que apresenta para receber estudantes internacionais.

Considerando o acelerado processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior, especialmente ao que diz respeito à mobilidade estudantil, de acordo com as previsões da *Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD*, aproximadamente 8 milhões de estudantes estarão participando de programas de mobilidade acadêmica internacional nos próximos anos. (OECD, 2015). E, muitos desses estudantes estarão optando pelo Brasil e pelas universidades brasileiras como destino para seus estudos.

Essa tendência de ampliação da mobilidade acadêmica de estudantes provoca uma reorganização nas estruturas das universidades, uma vez que passa a demandar a inclusão da dimensão internacional e intercultural nas suas missões, no ensino, na pesquisa, na extensão e muito fortemente na gestão institucional.

Teekens (2003, p.108) afirma que "o crescimento da mobilidade estudantil aumenta a necessidade da oferta do número de classes em educação internacional. Cada vez mais, o corpo docente se confronta com novos desafios, visto que as competências para ensinar em ambientes internacionais não ocorrem naturalmente. A docência para grupos multiculturais requer a prática, o desenvolvimento e o aprendizado de habilidades especiais".

Dessa forma, torna-se mister que os países e, mormente, as Instituições de Ensino Superior, estejam atentas e se preparem para os novos desafios decorrentes da internacionalização, isto é: pensar a internacionalização da educação superior de forma abrangente, como propõe Hudzik (2008); dar atenção à internacionalização do campus, tendo presente o conceito proposto por Nilsson (2003) e, em particular, considerar fortemente o desenvolvimento da internacionalização de currículo discutido atualmente

por vários autores: Giroux (1992); Bremer & van der Wende (1995); Clifford (2009); Leask (2009), entre outros.

Compreendendo os conceitos e a sua inter-relação

O conceito de internacionalização da educação superior não é algo recente. Desde o início da criação das universidades já se tratava da abrangência do conhecimento sem fronteiras e da sua universalidade. No entanto, com a globalização, o conceito de internacionalização mereceu novo destaque, sendo amplamente estudado e revisitado por inúmeros autores.

Knight (2008, p.19) chama a atenção aos aspectos de internacionalização que acontecem no próprio campus, e passa a analisar "a inclusão das dimensões interculturais e internacionais no processo de ensino-aprendizagem, de investigação, das atividades extracurriculares, e as relações com grupos locais e étnicos, bem como a integração de estudantes e acadêmicos internacionais nas atividades e na vida do campus".

Em decorrência disso, surgem alguns desdobramentos que são provocados pelos ajustes necessários para a efetivação da internacionalização da educação superior. É o que ocorre com o que Hudzki define como *Comprehensive Internationalization*, ou seja, considerar a internacionalização de forma abrangente, que envolva todas as diferentes instâncias institucionais.

O autor define *Comprehensive Internationalization* como "um compromisso assegurado através da ação, que inclua perspectivas internacionais e comparadas no ensino, na pesquisa e na gestão, em todas as missões da educação superior, e que envolva todos os seus atores" (Hudzki, 2011, p. 6).

Da mesma forma, surge um novo momento da internacionalização que requer alternativas para superar as limitações inerentes da mobilidade internacional que, até agora, permanecia reservada para uma minoria da população estudantil. O estudo realizado por Nilsson, em 1999, propôs o conceito da *Internationalization at Home*, ou Internacionalização do Campus, ou ainda chamada de Internacionalização Doméstica.

Internationalization at Home (Nilsson, 2009, p. 2003) pressupõe oferecer oportunidades de experiências internacionais e interculturais para **todos** os estudantes e chama especial atenção para o expressivo aumento da presença de estudantes internacionais nos campus das universidades que devem ser tratados de forma inclusiva.

De acordo com Nilsson, *Internationalization at home* está no cerne do esforço para garantir que **todos** os alunos se beneficiam de internacionalização, especialmente os que não têm a oportunidade de estudar no exterior.

Com esse novo cenário, tornou-se necessário pensar, também, no tipo de atividades que são oferecidas aos estudantes locais e internacionais, com vistas à inclusão da dimensão internacional e intercultural nas suas atividades tanto no campus universitário como fora dele. Tem-se, então, os estudos sobre *Internationalization of Curriculum* - IoC - ou a Internacionalização Curricular.

Um dos conceitos mais explorados vem das escolas australianas, lideradas por Betty Leask (2009, p. 209) que define a Internacionalização curricular como "a incorporação de uma dimensão internacional e intercultural no conteúdo do currículo, bem como nos processos de ensino e aprendizagem e serviços de apoio de um programa de estudo". Leask afirma ainda que "um currículo internacionalizado irá envolver os alunos com a pesquisa em nível internacional e com a diversidade cultural e linguística. O currículo internacionalizado vai propositadamente desenvolver as perspectivas internacionais e interculturais como profissionais e cidadãos globais".

Internacionalização do Currículo - Razões

Com a realidade atual de um mundo altamente globalizado, novas competências são exigidas dos estudantes, futuros profissionais, que em breve estarão exercendo as suas atividades no mercado de trabalho. Conhecimento altamente qualificado, domínio das novas tecnologias, conhecimento de línguas estrangeiras já estão colocados como pré-requisitos para um bom currículo. No entanto, o desenvolvimento de competências globais para atuação em mercados multiculturais passa a ser fortemente valorizado e requer fundamental atenção para a formação de cidadãos globais.

O que os autores afirmam é que, apesar dos desafios sociais colocados pela globalização, a importância de habilidades e de conhecimentos globais é amplamente reconhecida e valorizada. (STALLIVIERI, 2009).

Um compromisso com as questões globais, tais como direitos humanos e proteção ambiental, a capacidade de empatia e de se comunicar com pessoas de diferentes origens, e a capacidade de se sentir em casa em todos os lugares, são atributos que ajudarão a atual geração de estudantes universitários a trilhar seu caminho pelo

mundo. Por isso, as universidades precisam revisitar as suas metas e objetivos para incorporar habilidades internacionais e conhecimento global como núcleo dos atributos da formação na graduação (Crosling et al., 2008, p.118)

O aumento do foco na internacionalização do currículo é tido como um importante veículo para a preparação de universitários para a vida em um mundo globalizado. (Leask & Bridge, 2013, p.82)

Da mesma forma que o desenvolvimento de competências interculturais nos alunos é um dos principais resultados de um currículo internacionalizado, o que requer um ambiente de campus e de cultura institucional que, obviamente, motive e recompense a interação entre estudantes internacionais e domésticos dentro e fora da sala de aula, conforme preconizado por Leask. (2009, p.205)

E, exatamente com essas inquietações, ou seja: pensar no desenvolvimento das competências globais nos estudantes de graduação; no aproveitamento do potencial dos estudantes internacionais que estão no campus das universidades e na forma de integração entre os estudantes domésticos e os estudantes internacionais é que surge o desafio de propor a internacionalização curricular, através da inclusão da disciplina *Cross-cultural Negotiation* no currículo dos cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Segundo o que afirmam os autores Leask & Bridge (2013, p.86), "uma parte importante do processo de internacionalização do currículo é pensar além dos paradigmas dominantes, para explorar paradigmas emergentes e imaginar novas possibilidades e novas formas de pensar e fazer". Esta é uma tarefa intelectualmente desafiadora, e que estimulou a apresentação da proposta em questão aos coordenadores de curso de graduação.

Diante desse desafio, vislumbrar a possibilidade de internacionalização curricular como um rompimento de paradigma é um forte estímulo para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e requer um esforço também, para o rompimento de padrões pré-estabelecidos pelas universidades. Pensar sobre os contornos de um ambiente educacional internacionalizado, com a presença de estudantes de várias nacionalidades, com diferentes *backgrounds*, falando diferentes línguas e com hábitos, crenças e valores diferentes certamente coloca o professor-educador na posição de vigília permanente, pois tem em suas mãos um dos mais profícuos e estimulantes laboratórios ou observatórios educacionais.

Movidos pela própria paixão, interesse ou compromisso ao invés de qualquer agenda institucional (Green & Whitsed, 2015, p. 26) é o que tem feito com que muitas ações sejam concretizadas para a Internacionalização do Currículo como a oferta da disciplina *Cross-cultural Negotiation*.

Crosling, Edwards & Schroder (2008, p.113) afirmam que: "se a internacionalização curricular exige que os alunos desenvolvam uma mentalidade global e que tenham atributos para operar internacionalmente, da mesma forma exige das universidades uma mudança organizacional, pois o corpo docente precisa ensinar com materiais diferentes de maneiras diferentes".

Para o sucesso de tal mudança, o planejamento é necessário; a equipe de professores e gestores precisa de um senso de propriedade psicológica para mudanças por auto-iniciativa, que é evolutiva e aditiva, em vez de subtração. A definição da mudança é necessária, pois envolve processos, recursos, a compreensão da necessidade para a mudança e compreensão da resistência das pessoas, de modo que seja entendida como importante e inevitável.

Ao propor a disciplina *Cross-cultural Negotiations*, todos esses fatores estiveram presentes, em especial, a importante atenção dada à questão da mudança, do rompimento de paradigmas e do importante desafio de compreender a sala de aula como um ambiente internacional diferenciado.

A disciplina

A internacionalização de currículo pode ocorrer de diversas formas: por programa, por curso, por disciplina, e ainda, por atividades, conforme proposto por Clifford (2013).

Estando no centro do processo de IoC, as disciplinas podem ser consideradas como um bom ponto de partida, uma vez que a discussão da IoC por programa ou por curso ainda é bastante insipiente e as iniciativas registradas no Brasil ainda são bastante raras.

Cross-cultural Negotiation é o exemplo de internacionalização curricular por disciplina, especialmente por utilizar a efetiva aplicação das atividades, dos recursos, da metodologia diferenciados que caracterizam uma ação curricular internacionalizada.

Cada disciplina tem sua própria cultura e história, suas próprias maneiras de investigar, entender e responder ao mundo (Becher, 1989, apud Green & Whitsed, 2015,

p.25). As disciplinas não são estáveis, corpos fixos impermeáveis à mudança. Como as faculdades, elas são comunidades construídas socialmente, compostas de acadêmicos, cada um com sua própria história, cultura, afiliações sub-disciplinares, objetivos de carreira, valores e visão de mundo. (GREEN & WHITSED, 2015, p.25).

A disciplina *Cross-cultural Negotiation* surge com essa característica: uma iniciativa individual, de um docente que percebe a necessidade de oferecer uma formação global aos seus alunos e que possa oportunizar a integração com os estudantes internacionais, valorizando a riqueza da diversidade cultural ali existente.

Esta disciplina apresenta-se em concordância com a afirmação de que o principal objetivo de uma disciplina de um currículo internacionalizado deve ser a preocupação com o desenvolvimento de graduados que possam viver e trabalhar, de forma eficaz e ética em um mundo interconectado, mais do que a internacionalização do ensino e da aprendizagem da disciplina *per se*. (Green & Whitsed, 2015, p.26) uma vez que todo seu conteúdo está direcionado para o entendimento das diferentes manifestações culturais e da busca de soluções para os questionamentos globais.

A inclusão de uma disciplina nova numa grade curricular de um curso de graduação já estabelecido e consolidado nem sempre é uma tarefa fácil. Há que se ter elementos robustos para justificar a sua oferta e há que se ter clareza de que a proposta será acolhida pelo público-alvo, ou seja, os estudantes de graduação, e que contará com o apoio institucional para seu desenvolvimento, nomeadamente o apoio dos coordenadores de curso. Portanto, a sua forma, seu conteúdo, a sua bibliografia, a língua de instrução, as avaliações, o plano de ensino precisam estar muito bem definidos e alinhados com o projeto pedagógico do curso, com a finalidade da IoC e com a proposta curricular de formar cidadãos globais, e com a garantia de sua regularidade.

Alguns cursos de graduação, por essência, devem priorizar a formação global dos alunos, como no caso dos cursos de Relações Internacionais, Comércio Internacional, entre outros, uma vez que necessariamente estarão formando profissionais que atuarão no cenário mundial e que necessitarão do conhecimento de competências globais.

A aprendizagem global significa focar sobre questões de ordem mundial e sobre as necessidades de aprendizagem que lhes estão associados, ao mesmo tempo que deve tratar do seu funcionamento dentro de um contexto local, ou "em casa". (TEEKENS, 2003, p.109). Isto sinaliza para o desenvolvimento de habilidades que tratarão de questões de ordem local, regional, nacional e global.

O caso em questão, trata da inclusão da disciplina intitulada *Cross-cultural negotiation*, que originariamente é oferecida aos estudantes de graduação do Curso de Administração de Empresas e que também atraiu um importante número de alunos do Curso de Graduação em Relações Internacionais, e um número ainda mais expressivo de estudantes internacionais.

Considerando o currículo internacionalizado, a disciplina procura valorizar muito a presença de estudantes internacionais, incorporando-os a todas as atividades e discussões, pois são eles os "valiosos colaboradores de diversas perspectivas e experiências culturais, que têm o potencial de transformar o campus e a sala de aula em um microcosmo vibrante do mundo". (LEASK, 2009, p.206)

A escolha do conteúdo da disciplina

Os autores enfatizam que os professores são os principais arquitetos do currículo; são eles que definem os objetivos e tópicos, que desenham o curso de instrução, selecionam o conteúdo, determinam os métodos de ensino, definem o conjunto das tarefas de aprendizagem, bem como elaboram as avaliações. (LEASK & BRIDGE, 2013; GREEN & WHITSED, 2015).

E é assim que se propõe a disciplina *Cross-cultural Negotiations*, tendo na figura do professor o responsável pelo desenho do que será desenvolvido juntamente com os alunos. Ainda é uma iniciativa isolada, proposta pelo docente da disciplina, com a expectativa de multiplicação dos resultados e da oferta de novas disciplinas como essa, com a possibilidade de internacionalização de cursos e de programas como proposto pelo *Centre for Curriculum Internationalization - CCI* da *Oxford Brookes University*.

As decisões a respeito da forma de desenvolver nos alunos o entendimento e a capacidade de atender às responsabilidades morais que vêm com a cidadania local, nacional e global também são importantes no processo de planejar e aprovar um currículo internacionalizado. Em alguns programas, podem ser mais difíceis de se determinar do que em outros. (LEASK & BRIDGE, 2013, p.87)

É crucial que no planejamento do currículo internacionalizado, esses componentes estejam presentes e que seja feita uma constante análise das diferenças culturais, enaltecendo a sua diversidade.

Os valores são em sua maioria aprendidos implicitamente. Mensagens codificadas no discurso, humor, linguagem corporal, relações pessoais, e muito mais

tornam a sala de aula um país em miniatura, refletindo toda a interação social e cultural da sociedade em geral. (TEEKENS, 2003, p. 114)

Em se tratando da disciplina *Cross-cultural Negotiations*, onde tem-se um verdadeiro micro-cosmos no ambiente educacional, em função das diferentes nacionalidades dos alunos, inevitavelmente tem-se que atentar fortemente ao que é proposto por Leask (2009, p.207) ao se referir a três tipos de currículo: o formal, o informal e o currículo oculto, uma vez que os três momentos podem ser explorados na sala de aula internacional.

O currículo formal, de acordo com Leask (2009, p.207) pressupõe o desenvolvimento de programas sequenciados de atividades de ensino-aprendizagem e de experiências organizadas por áreas de conhecimento, por tópicos e recursos, cujos objetivos são avaliados de diferentes formas, incluindo exames e vários tipos de trabalhos, sessões de laboratório e outras atividades práticas em torno de um conteúdo definido, conforme propostos oficialmente no Plano de Ensino da disciplina *Cross-cultural Negotiations*.

Quando se refere ao currículo informal, tem-se as diversas atividades extracurriculares que ocorrem no campus, as atividades opcionais que não fazem parte dos requisitos formais da graduação ou do programa de estudo, que, no entanto, contribuem para, de muitas maneiras, definir a cultura do campus e, portanto, são uma parte importante do contexto em que o currículo formal é apresentado e utilizado no decorrer da disciplina.

Os aspectos da experiência do estudante podem compor o que Leask chama de currículo oculto: considera as lições incidentais que são aprendidas sobre poder e autoridade, de quem e qual conhecimento é valorizado e qual não é; quais referências bibliográficas são utilizados e de que maneira as atividades em classe e extra-classe são organizadas.

Essa variedade de momentos, essa pluralidade de visões e de experiências é o que garante a riqueza da disciplina e que deve ser fortemente estimulada, assegurando a verdadeira promoção da interculturalidade, da diversidade e também da pluralidade linguística.

A língua de instrução

A disciplina *Cross-cultural Negotiation* é originalmente oferecida em Língua Inglesa, pois foi a maneira de encontrar uma forma de comunicação comum a todos os participantes. Como a disciplina conta com a presença de mais da metade de estudantes internacionais, oriundos de muitas nacionalidades diferentes, opta-se por uma idioma de comunicação internacional, que neste momento é a Língua Inglesa.

No entanto, muitos cuidados devem ser observados, pois, de acordo com Clifford (2013) e Teekens (2003): lidar com a diversidade cultural na sala de aula internacional é, em grande medida, lidar com questões de linguagem, porque a linguagem expressa muito mais do que aquilo que é dito literalmente. A prática de usar o Inglês como língua de instrução por falantes não-nativos agora é bastante difundida. Mas, essa tarefa muitas vezes é subestimada no processo de garantir a educação para grupos culturalmente mistos. A menos que condições básicas sejam atendidas, o Inglês, como meio de instrução, pode representar uma ameaça imprevista para a qualidade da educação. (...) "Melhorar a própria habilidade linguística é uma coisa; o uso de uma língua não-nativa como língua de instrução é outra questão". (Teekens, 2003, p. 112)

A disciplina *Cross-cultural* procura, com muito rigor, atender e observar as questões da linguagem, identificando o adequado nível de proficiência linguística em cada aluno e estimulando, através de atividades e diferentes dinâmicas, a constante participação inclusiva, assegurando a todos os alunos a liberdade de manifestação de opiniões e estimulando uma atmosfera de confiança mútua.

Perfil e papel do professor

O professor é figura central nas atividades de internacionalização de currículo. Não pelo uso da autoridade que lhe é delegada no ambiente educacional, mas por ser ele o facilitador do processo de internacionalização curricular e o promotor das atividades que podem auxiliar o desenvolvimento das competências interculturais nos estudantes.

Lembrando que, por competência intercultural entende-se: um conjunto de aspectos cognitivos, afetivos, comportamentais e habilidades e características que suportam a interação eficaz e adequada em uma variedade de contextos culturais. (Bennett, 1998).

De acordo com Teekens, muitas vezes, os próprios professores não refletem o suficiente sobre suas próprias funções e responsabilidades neste processo extremamente complexo. Isso faz com que o debate sobre as qualificações necessárias para ensinar

numa sala de aula internacional seja um motivo de preocupação para o ensino superior em geral. (Teekens, 2003, p.111)

E, realmente, assim deve ser, uma vez que as competências de um professor que exerce tal atividade diferencia-se de uma sala de aula tradicional, com estudantes da mesma nacionalidade. Uma série de novas reflexões e atitudes, de desenvolvimento humano são necessárias para compreender e incorporar a mudança de comportamento diante da diversidade cultural, implicando no desenvolvimento de conhecimento, de habilidades e de competências específicas para tal fim.

Um dos entrevistados nos estudos de Leask & Bridge afirmou que o corpo docente precisa estar confortável com os aspectos pedagógicos da internacionalização, isto é, com a internacionalização do currículo em ação. A competência intercultural é uma prioridade particular. (Leask & Bridge, 2013, p.91)

Para ministrar a disciplina *Cross-cultural Negotiation*, analisou-se detalhadamente o estudo de Teekens (2003, p.111), que propôs algumas características do perfil do professor ideal (*ideal lecturer*) para ministrar uma disciplina numa sala de aula internacional e buscou-se o aperfeiçoamento em cada uma delas. Foram descritas oito categorias:

1. As questões relacionadas ao uso de uma língua não nativa de instrução
2. Fatores relacionados ao lidar com as diferenças culturais
3. Os requisitos específicos em matéria de estilos de ensino e aprendizagem
4. Insight para as implicações culturais do uso de mídia e tecnologia
5. Os requisitos específicos relacionados com a disciplina acadêmica
6. Conhecimento de sistemas educativos estrangeiros
7. O conhecimento do mercado de trabalho internacional
8. As qualidades pessoais

Mesmo tendo trabalhado com a disciplina *Cross-cultural Negotiation* por várias edições e para diferentes grupos de alunos, percebe-se a constante necessidade de atualização dos assuntos trabalhados, revisão do material autêntico utilizado, aperfeiçoamento das dinâmicas de grupo propostas, atualização do material bibliográfico, e, acima de tudo, o conhecimento do perfil dos alunos, em especial sobre as diferentes culturas e sobre os diferentes sistemas de Ensino Superior, de acordo com as nacionalidades que fazem parte de cada novo grupo, entre outras ações necessárias para garantir o sucesso da disciplina.

Teekens (2003) afirma que o docente de uma sala de aula internacional deve ser capaz de fornecer visão e liderança para promover a aprendizagem intercultural. Diferenças culturais que resultam em mal-entendidos, atividades sociais extracurriculares, que demandam tempo, também fazem parte do pacote. Nem todo mundo está disposto e é capaz de lidar com essa nova realidade, afirma Teekens. Às vezes, os professores dedicam muito tempo para o trabalho especial e extra-classe, necessários para ensinar grupos interculturais. Isso pode ocorrer porque eles gostam dessa atividade e se sentem fortemente comprometidos, mas também pode ser porque acham difícil aceitar as limitações impostas. Isso muitas vezes resulta em frustração ("Ninguém aprecia o que estou fazendo") e excesso de trabalho, podendo ter um impacto e influência sobre outras atividades do professor, conduzindo até mesmo a problemas pessoais. (TEEKENS, 2003, p.118)

Portanto, é fundamental que o professor tenha condições de pensar a Internacionalização da sua disciplina, de forma articulada com a sua prática pedagógica, que se sinta apto e confortável para fazê-lo, pois não basta transpor os conteúdos para uma língua estrangeira e crer que a disciplina está internacionalizada. Há que se fazer muito mais do que isso.

A sala de aula internacional

Uma sala de aula internacional é, por definição, um ambiente de aprendizado onde estudantes locais e internacionais convivem, desenvolvem atividades de interesse comum, orientados por um profissional que tenha competência para conduzir tal ambiente de forma agradável, com atividades estimulantes e desafiadoras, de forma que todos tenham interesse e sintam-se confortáveis a participar e compartilhar suas opiniões, onde serão ouvidos e, acima de tudo, terão seus pontos de vista respeitados.

A disciplina *Cross-cultural Negotiation* alinha-se com os princípios apresentados por Teekens (2003), pois é uma sala de aula em que a verdadeira aprendizagem intercultural tem espaço. Aborda os conceitos como *foreign* (estrangeiro), *strange* (estranho), e *otherness* (alteridade) e os utiliza como estratégias de ensino. Considera a vivência e a bagagem cultural de cada um dos alunos como uma fonte de aprendizagem, e valoriza cada aluno com diferentes origens como recursos em si mesmos. (TEEKENS, 2003, p. 109)

Estudantes de várias origens vão desfrutar de uma única aprendizagem e experiência pessoal, quando a diversidade de culturas é reconhecida. No final, a sala de aula internacional ideal é uma condição em que alunos de diferentes origens podem aprender com seu professor e com cada um dos colegas. (TEEKENS, 2003, p.118)

Considera, ainda que para entender a atitude de um estudante estrangeiro, é essencial ter algum conhecimento do sistema de ensino do qual ele ou ela é um produto. (Teekens, 2003, p.117), pois dessa forma será mais fácil estabelecer os objetivos que deverão ser atingidos com a realização da disciplina.

Objetivos e resultados esperados com a disciplina

Um dos grandes objetivos da disciplina *Cross-cultural Negotiation* é o desenvolvimento da inteligência cultural dos alunos que dela participam, bem como o fortalecimento das suas competências interculturais, que conforme afirma Deardorff (2006, p.241): "*Successful intercultural interactions are at the heart of what international education is all about*".

Nesse contexto, o desenho curricular da disciplina, as características da sala de aula internacional, o perfil de alunos internacionais em integração com estudantes locais, o uso da língua inglesa como língua de instrução, as atividades propostas e as dinâmicas realizadas, a pedagogia mista (*blended learning*), o uso de filmes, *storytelling*, o uso do material autêntico e atualizado, as temáticas escolhidas para discussão, entre outros elementos, todos giram em torno da formação de cidadãos globais.

Essa formação está amparada no modelo proposto por Oxfam (2006) e por Deardorff (2009) através do qual são observados os elementos-chave da cidadania global e no modelo das competências interculturais, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento (*knowledge*), de habilidades (*skills*) e de atitudes (*attitudes*) que permitam que o estudante conviva e atue de forma confortável em ambientes cada vez mais internacionalizados.

A disciplina *Cross-cultural Negotiations* observa pontualmente a caracterização proposta, pois através da pedagogia centrada no aluno (*student centered*) procura atender que os objetivos para um currículo internacionalizado sejam classificados como cognitivos e comportamentais (Teekens, 2003, p.109) compreendendo que os objetivos

cognitivos (competências em línguas estrangeiras, estudos regionais e por área, humanidades, temas internacionais específicos como o direito internacional, negócios, etc.) fortalecem a **competência internacional** nos estudantes; e comportamentais (mente aberta, compreensão e respeito por outras pessoas e suas culturas, valores e modo de vida, racismo, resistência, etc.) fortalecem a **competência intercultural** dos estudantes.

Pelo conhecimento, espera-se que os estudantes se apropriem da auto-consciência cultural, do conhecimento específico de hábitos, crenças e valores das diferentes culturas, lembrando que o conceito de cultura possui inúmeras interpretações e, nesse caso, considera a forma como os indivíduos se comportam e se comunicam, ou ainda, interagem com indivíduos de outras culturas. (Deardorff, 2006). Da mesma forma, o estudante compreenderá os conceitos de diversidade, responsabilidade social, equidade, justiça social, globalização e interdependência, desenvolvimento sustentável, paz e conflito e como deverá utilizar os novos conhecimentos em contextos internacionais. (Oxfam, 2006)

Com o desenvolvimento de novas habilidades pressupõe-se que o aluno aperfeiçoará a observação, a análise, a avaliação, a interpretação do que fazem os outros povos; da mesma forma, desenvolverá o pensamento crítico, a capacidade de arguir efetivamente, o respeito pelo outro, a cooperação e a busca de resoluções conjuntas para problemas comuns.

A empatia, auto-estima, o comprometimento com a equidade e com a justiça social, o respeito pela diversidade, a preocupação com as questões do meio-ambiente e com o desenvolvimento sustentável das nações e, muito importante, a crença de que as pessoas fazem toda a diferença devem fazer parte do rol de objetivos esperados.

Pensar nas atividades de ensino-aprendizagem e de que forma uma sala de aula internacional pode ser eficaz é bastante desafiador, mas ao mesmo tempo estimulante pois provoca, no professor, a necessidade de sair do seu ambiente educacional confortável e ousar. Ele é o maior aprendiz, pois tem em suas mãos um pequeno mundo, um micro cosmos, repleto de indivíduos com diferentes hábitos, crenças e valores e deverá valorizar e bem utilizar essa realidade cosmopolita para a real formação de cidadãos globais sensíveis e sensibilizados que o mundo tanto necessita.

Conclusões

Os acadêmicos que cursaram *Cross-cultural Negotiations* relataram que o maior ganho com a disciplina foi a convivência num ambiente de aprendizado culturalmente inclusivo. A maioria dos estudantes afirma ter desenvolvido uma maior consciência da diversidade cultural e adquiriram mais confiança na comunicação com pessoas de diferentes origens culturais, o que assegura o cumprimento dos objetivos propostos de fortalecimento das competências interculturais e da formação de cidadãos globais.

No entanto, é importante ressaltar o que colocam Green & Whitsed (2015, p.28): os autores destacam a importância da construção de credibilidade dentro de nossas instituições, demonstrando o compromisso de longo prazo para o processo de *Internationalization of Curriculum*, priorizando uma abordagem multifacetada, que inclua o desenvolvimento de políticas próprias para tal fim, bem como o adequado desenvolvimento de equipes para responder às demandas geradas pela Internacionalização da Educação Superior abrangente, pela Internacionalização do Campus e, em especial, pela Internacionalização Curricular.

Através dessas breves reflexões, revisitando o que dizem os autores e tendo presente a experiência de ministrar a disciplina *Cross-cultural Negotiations* para estudantes locais e internacionais, pode-se afirmar que estamos diante de um grande momento para a educação superior.

Apesar dos desafios sociais colocados pela globalização, a importância das habilidades internacionais é amplamente aceita. Um compromisso com as questões globais, tais como direitos humanos e proteção ambiental, a capacidade de empatia e de comunicação com pessoas de diferentes origens, e a capacidade de se sentir em casa em todos os lugares, são atributos que ajudarão a atual geração de estudantes universitários trilharem seu caminho pelo mundo. Por isso, as universidades têm que revisar suas metas e objetivos para incorporar as habilidades internacionais e o conhecimento como núcleo dos atributos dos graduandos. (Crosling et al., 2008, p.118)

Em nível institucional, temos que insistir no convencimento dos dirigentes no sentido de gerar espaços para discussões e estudos sobre o modelo de Internacionalização Curricular que as Instituições de Ensino Superior brasileiras podem e querem oferecer aos seus alunos e aos estudantes internacionais que escolhem o Brasil como seu país de destino.

Em nível acadêmico, temos a necessidade de ampliar as experiências, criando grupos de estudos, observatórios permanentes de análise desse fantástico movimento de

Internacionalização Curricular e multiplicá-lo para outras disciplinas, para outros cursos, para outros programas.

Mas, o mais importante desafio, ainda está no espaço sala de aula: compreender que somos eternos aprendizes, que os estudantes, trazendo as suas infinitas bagagens culturais nos ensinam os verdadeiros valores da cidadania global, da inclusão e da equidade social, pois para eles, não importa a sua nacionalidade, a sua raça ou a sua religião. O que importa é a possibilidade de conviver com o outro, de conhecer o que o outro pensa, entender que a sua cultura não é nem melhor nem pior do que a dele.

Elas são apenas diferentes!

REFERÊNCIAS

Bennett, M.J. (1998) *Basic concepts of intercultural communication: a reader*. Intercultural Press, Inc. Yarmouth, Maine, USA,

Cultural Intelligence. Disponível em: <http://www.culturalintelligence.org/> Acesso em: abr. 2016.

Clifford, V. (2013) *The elusive concept of internationalization of curriculum*. Centre for Curriculum Internationalization. Oxford Brookes University. Disponível em: <https://www.brookes.ac.uk/services/cci/definitions/html>. Acesso em: abr. 2016.

Crosling, G. Edwards, R. & Schroder, B. (2008) *Internationalizing the curriculum: the implementation experience in a faculty of business and economics*. Journal of Higher Education Policy and Management. Volume: 30, Issue: 2, Pages: 107-121.

Deardorff, D. (2006) *The identification and assessment of intercultural competence as a student outcomes of internationalization at institutions of higher education in the United States*. Journal of Studies in International Education. Volume: 10, Pages: 241-266.

Green, W. & Whitsed, C. (2015) *Introducing critical perspectives on internationalizing the curriculum*. Critical perspectives on internationalizing the curriculum in disciplines. Pages: 3-22.

Green, W. & Whitsed, C. (2015) *Introducing critical perspectives on internationalizing the curriculum*. Critical perspectives on internationalizing the curriculum in disciplines. Pages: 25-29.

Griffith Institute for Higher Education. *The GIHE good practice guide to internationalizing the curriculum*. Disponível em:
<http://www.griffith.edu.au/gihe/internationalisation>. Acesso em: abr. 2016.

Hudzik, J. (2011). *Comprehensive internationalization: From concept to action*. NAFSA Association of International Educators. Retrieved from
<http://www.nafsa.org/resourcelibrary/Default.aspx?id=24045>

Internationalization of the curriculum in action. Disponível em: <http://www.ioc.au.net>
Acesso em: abr. 2016.

Knight, J. (2008). *Higher education in turmoil: The changing world of internationalization*. Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers. Vol. 13.

Leask, B. (2009) *Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students*. *Journal of Studies in International Education*, Vol. 13, No. 2, 205-221.

Leask, B. (2012) *Internationalization of the curriculum (IoC) in action - a guide*. University of South Australia.

Leask, B. & Bridge, C. (2013) *Comparing internationalization of the curriculum in action across disciplines: theoretical and practical perspectives*, *Compare: A Journal of Comparative and International Education*. Volume: 43, Issue: 1, Pages: 79-101.

Nilsson, B. (2003) *Internationalization at home from a Swedish Perspective: the case of Malmö*. *Journal of Studies in International Education*. Volume: 7, Issue: 1, Pages: 27-40.

OECD (2015), "Indicator C4 Who studies abroad and where?", in *Education at a Glance 2015: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris.

Oxfam GB. (2006) *Education for global citizenship*. www.oxfam.uk/education/gc
Acesso em 15 abr. 2016.

Stallivieri, L. (2009) *As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional*. Tese de doutorado. [s.l.] Universidad del Salvador - USal.

Stallivieri, L.; Gonçalves, R. (2015) Novas propostas pedagógicas para o desenvolvimento de disciplinas ministradas em línguas estrangeiras nas salas de aula multiculturais. *Revista de Ciências da Administração*, Florianópolis, vol. 17, n. 41, p.130-142.

Teekens, H. (2000) The profile of the ideal lecturer for the international classroom. *Teaching and learning in the international classroom*. The Hague: Netherlands Organization for International Cooperation in Higher education (NUFFIC).

Teekens, H. (2003) *The requirement to develop specific skills for teaching in an intercultural setting*. *Journal of Studies in International Education*. Volume: 7, Issue: 1, Pages: 108-119.

The Higher Education Academy. *Internationalization of the curriculum*. Disponível em: https://www.heacademy.ac.uk/sites/default/files/resources/internationalising_the_curriculum.pdf. Acesso em: abr. 2016.

Wächter, B. (2003) An introduction: Internationalization at home in context. *Journal of Studies in International Education*. Vol. 7. 1, Spring. Pages: 5-11.